

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1\$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.

SUMMARIO—QUESTÕES ACTUAES: *A nossa esperança.* — MARAVILHAS DO CATHOLICISMO: *S. Vicente de Paulo e o seu tempo* (conclusão). — ESTUDOS: *O espiritismo.* — CONTROVERSAS: *Jesuitas e Liberaes* (continuação), por um Catholico. — LITTERATURA: *O sino da torre*

de Inst. — AS NOSSAS GRAVURAS. — DE TUDO UM POUCO — RETROSPECTO DA QUINZENA. — BIBLIOGRAPHIA.

GRAVURAS: — *D. Manuel Agostinho Barreto, bispo do Funchal; Igreja de S. Carlos Borromeu, em Vienna; Monumentos nacionais: Matriz de Villa de Conde; Santos Dmont.*



D. Manuel Agostinho Barreto

BISPO DO FUNCHAL

QUESTÕES ACTUAES

A nossa esperança

Apezar de todos os desvarios passados e presentes, apesar de todas essas infamias que vemos desencadear-se a cada passo, denotando evidentemente um perf-ito descalabro de caracteres, acalentamos ainda a fagueira esperança de melhores dias para esta nossa terra portugueza.

Quem como nós apresenta uma historia limpida e gloriosa, onde refulgem em nimbos de luz os mais extraordinarios varões e as mais nobres virtudes, não pôde assim ingloriamente morrer no lôdo abjecto das mais vis e mesquinhas acções dos dias hodiernos.

Ainda ha coresções crystallinos de energicos patriotas e crentes sinceros, dignos de sobraçar os restos da herança collossal dos nossos maiores e continuar as suas tradições antigas.

A antiga fé e valor portuguez era quem nos levava pela mão do anjo das victorias até Aljubarrota, era quem inflava as caravelas impavidas de Sagres e inspirava ao nosso Homero a estupenda odysseia portugueza.

A antiga fé e valor portuguez era quem rodeava de luz as figuras de Egas Moniz, o symbolo da lealdade cavalheiresca, de Santa Isabel, o emblema da angelica candura, do infante de Tanger, o modello da abnegação pela patria, de Gama e Dias, a personalisação do genio marítimo.

E com taes honrosos e gloriosos pergaminhos poder-se-ha porventura desmorronar o monumento gigantesco tão nobremente levantado e argamassado com o sangue tantas vezes vertido dos nossos antepassados?

Poder-se-ha assistir impassivelmente a tantas *débacles*, sabendo-se descendente dos antigos portuguezes que com a sua velha crença sempre vivida domaram o mar e venceram em terra os seus inimigos?

Não; o nosso poder, outr'ora ingente, admirado e temido, provinha todo da Fé, da Esperança e da Caridade; agora, porém, estas tres virtudes, sempre tão intimamente unidas, parecem ter murchado sobre este solo como plantas sem seiva.

A Fé era a nossa égide e o nosso palladio, quando ultrapassavamos o mar tenebroso e «se mais mundo houvera lá chegara» para arvorar a cruz e as quinas, e após levantava Alcobaça, a Batalha e os Jeronimos, como livros mudos a attestar nas suas paginas luminosas esta virtude aos vindouros.

A Esperança era quem afixava o montante do Ibn Errik dos arabes para esmagar de vez sobre este solo o crescente do Islam, era quem phantasiava sorrindo a Domingues as ogivas rendilhadas da Batalha e esvoaçava ao redor da nau do Gama como a borboleta á volta da luz.

A Caridade era quem punha as flores no regaço da Rainha Santa, quem vestia a estaménha a Nun'alvres, quem fundava as misericordias e abria as portas dos conventos.

E deve deixar-se resvalar pelo plano inclinado da descrença e da desorientação este povo d'uns antecedentes tão magnanimos e nobres?

E deve soltar-se a phrase tantas vezes repetida do nosso grande historiador Herculano em lance angustioso: «Isto dá vontade de morrer»?

Não; mas é preciso não affrouxar n'essa obra de redempção já iniciada, a unica que tem os elementos necessarios para o resurgimento da nação abatida e espinhada por mil aventureiros de toda a especie e de todas as épocas.

E essa obra salutar vêmol a nós alargar se e augmentar sempre, deixando entrever muito bem a grandeza de

vistas que a si mesma impôz no seu plano restaurador da politica portugueza.

Repetimos, é mais que nunca precisa, n'esta hora presente, uma remodelação completa de costumes e administração publica, uma nova orientação de ideias, uma moralidade geral, deixando cumprir-se a liberdade no que ella tem de mais puro e santo; é necessario, pois, uma vida nova emfim.

E' preciso obstar-se a essa onda crescente de insanias, que altaneira ameaça tudo subverter, oppondo-se lhe diques de bronze, que conttenham os impetus da fraudulagem occulta.

Sim, só o resurgimento da patria portugueza com todas as suas heroicas tradições e todas as suas virtudes egregias poderá espancar de vez as trevas gehennicas com que tentam amortalha-la como n'um véu lugubre.

Pro Deo et Patria seja o grito de guerra d'estes novos cruzados, seja a legenda rutilante da sua auriflamma, seja o santo e a senha d'esta invencivel phalange spartana.

Pro Deo et Patria seja, pois, o seu labaro sacrosanto, o seu palladio constante e o seu palinuro fiel.

E as espadas dos Brennos deixarão mais de pesar na balança da crença d'este desditoso paiz tão digno de melhor sorte.

E o gladio de Damocles não mais impenderá, suspenso n'um fio, sobre a cabeça do velho lão dormindo.

Apagar-se-hão as lugubres legendas do impio festim de Balthazar e do lôbreiro portico do Inferno de Dante, sempre indelveis, sempre fatidicas.

Venha, pois, prestes o remedio a tantos males, venha de novo a antiga crença dos portuguezes que nos dera tanta gloria, venha finalmente a salvação da patria portugueza.

E então romper-se-hão definitivamente essas brumas espessissimas que cobrem o seu horizonte, e ella surgirá radiante e como aureolada d'uma estranha luz no dia d'amanhã.

MARAVILHAS DO CATHOLICISMO

S. Vicente de Paulo e o seu tempo

(Conclusão)

IV

Uma noite em que S. Vicente de Paulo em companhia da senhora Legras fazia uma das suas habituaes visitas de esmolas, chegou até a encontrar um d'esses ignobeis carascos no seu afan de deformar os membros d'uma pobre creatura de alguns mezes. E' inutil acrescentar que a victima foi salva. E quantas outras o fôram depois d'ella! Logo no dia seguinte ao d'esta scena, os «Engeitados» contavam tantas mães quantas Irmãs da Caridade havia em França, e a physionomia do santo enriquecia-se, para a posteridade, com mais um traço inolvidavel.

O pavo represento-o-ha sempre de solideo, inclinado, com o sorriso nos labios, para um innocente que dorme a seus pés, enquanto que abriga um segundo, d'encontro ao seio, n'uma dobra da sua capa grosseira. A bondade robusta inclinada sobre a fraqueza é o mais tocante e o mais nobre dos quadros.

Pois bem, ha na figura d'este homem alguma cousa de mais admiravel ainda, que noi a torna duplamente sagrada. E é que, não contente em ir, com os braços estendidos, ao encontro dos desventurados, não receia debruçar se com o seu coração misericordioso sobre a sombria gehenna dos culpados.

Conta-se que um dia, em Marselha, visitando uma galé,

viu um forçado a chorar. Interrogado sobre a causa das suas lagrimas, o condemnado respondeu que não se consolava por não ter podido abraçar, uma ultima vez, a sua mulher e filhos, por causa de não haver quem ficasse no seu lugar durante a ausencia.

«Ora não seja esse o motivo! exclamou S. Vicente de Paulo, voltando-se para o vigia dos forçados. Ponham-me, pois, os cadeados! Tenho bons pulsos e estou folgado...

A anecdota, diz-se, é apocrypha. Mas, authentica ou não, tem uma verdade symbolica. Se Vicente de Paulo não tomou em suas mãos o remo dos forçados, desceu p-lo menos ao seu inferno, e foi elle o primeiro que ahi fez luzir o divino clarão da piedade.

Enviavam-se para as galés, promiscuamente, assassinos e mendigos, ladrões de estrada e simples vagabundos. Quando chegava o momento de expedir para os portos da costa este triste rebanho, os caminhos de França assistiam á passagem da «leva». A's vezes comprehendia cerca de 800 condemnados. Caminhavam estes, emparelhados pelo pescoço, como bois, arrastando cada qual um peso de ferro de 150 libras. Os archeiros, que os guiavam, moiam-lhes as costas á força de coronhadas. Deitava-se um punhado de terra sobre estes mortos anonymos e caminhava-se para a frente. Este calvario durava semanas. Ao cabo, deparava-se o molhe, o mar e a galé ancorada.

Era magestosa e soberba esta galé com os seus mastros, bandeiras, galhardetes, a sua camara de popa em forma de berço, os seus leques de remos estendidos como asas, e a alta figura esculpida que brilhava na prôa. Mas, dentro d'ella, que scenas de espanto e de horror! Que visões verdadeiramente infernaes!

D'ambos os lados d'um longo espaço central, sobre bancos transversaes, viam-se os remadores atrelados cinco a cinco, com os pés apoiados a uma trave de madeira e os punhos como que incrustados ao pesado cabo do remo. Têm, com todo o tempo que faça, a cabeça rapada e as costas nuas. Subito, o capitão grita «A'vante! E' a ordem. N'esse instante os braços retesam-se, as espadas incham e distendem-se. E' preciso manobrar com uma regularidade e uma precisão de machinas. A' menor falta, o capataz, que se mantém perto de cada fila, de pé no espaço central, brande o seu chicote de nós. Por pouco que o terrivel calabrote caia, deixa sempre a pelle a escorrer sangue. Os lategos chovem com as injurias. O galeriano vive e morre preso ao seu remo.

Morto, acontece que se esquecem d'ella ou só o lançam pela borda fóra quando começa a cheirar mal. Por alimentação, só pão secco, por bebida, a agua, e de dois em dois dias uma sopa de favas adubada com azeite. Póde maginar-se barbaia mais barbara? Mas então não vinha lá ideia de ninguem indignar-se contra isto.

E' provavel que o piedoso Gondi, chefe dos galerianos, acreditasse, da parte de Vicente de Paulo, em um simples movimento de curiosidade, no dia em que este lhe exprimiu o desejo de ser admittido a ver, por detraz dos muros da Conciergerie, os prisioneiros collocados sob as suas ordens. Eram uns seiscentos, esperando ser mandados para os portos. Macilentos, sinistros, embrutecidos, asee melhavam-se mais a feras na jaula, do que a filhos de christãos. A bicharia pullulava nos seus corpos extenuados de doença e soffrimento. Os seus farrapos apodrecidos descobriam uma nudez repellente; e, presos como estavam nos calabouços, ahi apodreciam no meio das suas dejectões. Sobreviveria ainda algum resto de alma no fundo d'estes seres deshumanizados?... A instancias de Vicente de Paulo, abandonaram-se os subterraneos infectos da Conciergerie como lugar de deposito. Transferidos para uma casa do arrabalde de Saint-Honoré, que elle tratou de escolher e escolheu bem espaçosa, os forçados gozaram

aí ao menos de ar e de luz. Estes parias do mundo, aca-brunhados de tormentos e odios, conheceram, graças a elle, o accento consolador d'uma voz querida e a ternura compassiva d'um olhar amigo. O interesse, que se soube que elle lhes testemunhava, despertou echos no exterior. Não houve ninguem, até ao apathico Luiz XIII, que não se deixasse commover, a ponto d'este approvar a iniciativa de Vicente e nomeal-o «esmoler geral das galés». Foi talvez este o mais bello milagre do santo, como foi o seu acto de caridade mais sublime ter feito cahir a suavidade d'esta gotta de agua sobre os labios ardentes dos condemnados ás galés.

D'este admiravel destino, um ensinamento sobresahe, com uma evidencia notavel, e é que em materia de caridade o mais humilde póde, senão realisar prodigios, ao menos exercer uma acção fecunda, sob a condição de amar e querer.

Quantas e quantas pessoas ha que, perante o infortunio do proximo, não sabem senão derramar-se em sentimentalidades vãs e deplorar que a modicidade dos seus recursos os priva de mitigar efficazmente! Que estas pensem no pobre aldeão das Landes! Quem houve mais pobre, e que todavia soccorresse mais miseria? Em toda a parte, a desgraça, a perder-se de vista. Para guial-o, para animal-o, nos seus começos, ninguem. Tudo está por fazer, e elle é só. Os seus meios! Nem nascimento, nem fortuna. Nada mais que uma fé profunda servida por uma vontade de ferro.

E, sem outras armas, removeu a indifferença do seu seculo, venceu o egoismo do velho mundo, inclinou os poderosos para os miseraveis, preparou o evento da justiça pelo amor e pela piedade. Em uma epocha de desolação e de desgraça, creou com todas as peças um ministerio da caridade publica! Tentando só fazer frente ao mais urgente, produziu uma obra perduravel. Quasi todas as suas fundações, quasi todos os seus estabelecimentos, formados á vista das necessidades do momento, tornaram-se instituições permanentes. Mas o que elle nos legou de mais precioso ainda foi o seu proprio exemplo, que permanece no meio de nós como um generoso fermento.

As ideias que espalhou fazem hoje parte da nossa consciencia. Os sentimentos que desenvolveu adoçaram, enterneceram as almas modernas e animaram-nos a compadecer-nos de todas as formas do soffrimento. Tal é o contagio da bondade. D'um individuo faz ella o seu caminho atravez da sociedade e atravez dos seculos.

E eis bem o que conservará sempre á figura d'um Vicente de Paulo a sua seducção poderosa e salutar. Nenhuma historia melhor que a sua nos fez comprehender até que ponto toda a bella e boa acção possue em si mesma uma virtude de propaganda infinita. Eis uma das maravilhas do catholicismo.

ESTUDOS

O espiritismo

II

Emitiram-se successivamente duas theorias para explicar a rotação das mesas girantes, a saber: a acção d'um fluido particular emanado do corpo humano, e a acção dos espiritos. A sciencia e o senso commum repellem egualmente as duas hypotheses: á face de uma e de outro as mesas não giram senão quando se lhes imprime uma impulsão.

Com effeito, se experimentarmos scientificamente, affastando todas as causas de erro, ou de illusão, collocando-nos fóra do estado de abalar a meza por uma acção mus-

cular ainda inconsciente, ella fica absolutamente immovel. E' por exemplo o que succede, quando os espectadores em lugar de pôr as mãos sobre o movel não estão em relação com elle senão por meio d'uma tira de pelle de algodão, de sêda, de canhamo ou de outra qualquer materia. A mesa nem por isso deixa de ficar immovel debaixo da simples imposição de mãos; mas aqui é mais difficil de evitar o erro.

Entretanto Faraday conseguiu-o.

Por debaixo dos dedos dos operadores collocados sobre a mesa, pôz talco em pó, ou laminas delgadas de mica, que tinham por effeito destruir a adherencia dos dedos á mesa e impedir assim communicação do movimento.

A mesa em tal caso não gira, porque os dedos escorregam sem a mover. Uma outra experiencia do mesmo sabio physico consiste em sobrepôr um certo numero de pedaços de cartão de superficie polida, separados ou isolados por uma camada de um mastique, feito de cera e oleo de therebentina, de sorte que o cartão inferior da pilha esteja em contacto immediato sobre uma folha de papel de vidro, collada sobre a mesa.

Os cartões diminuiam de extensão do superior ao inferior e uma linha traçada a pincel indicava a sua situação primitiva.

Emfim o mastique era tal que fazia adherir os cartões juntos com uma certa força, insufficiente todavia para resistir a uma acção lateral, exercida durante um certo tempo. Quando se examinou este systema de cartões, depois do movimento da mesa verificou-se que houvera um deslocamento maior no cartão superior, do que no inferior, de sorte que a meza não se tinha movido senão depois dos cartões, e estes depois das mãos.

Algumas vezes havia um leve deslocamento dos cartões sem que a mesa se puzesse em movimento: era que então a pressão exercida pelos experimentadores não tinha sido assaz forte.

Objectou-se ás primeiras experiencias, que as materias collocadas entre as mãos e a mesa interceptavam o fluido motor, da mesma maneira que certas substancias interceptam a electricidade. Mas, se collocarmos uma pella sobre a mesa, ou se fixarmos solidamente laminas de mica á sua superficie, o arrastamento pôde ter lugar, o que não podia succeder, se o pretendido fluido fôsse isolado. Admittamos agora que todos os experimentadores assentados em volta da mesa acreditem de boa fé (e o caso é mais raro do que se pensa) que não imprimem nenhuma impulsão ao mobil sobre o qual impõem as mãos, isto não prova senão uma cousa, e é que não têm consciencia da acção muscular, que se produz então.

Com effeito, existe entre os movimentos e certos estados da alma uma correlação tal, que sem o sabermos e muitas vezes até contra nossa vontade, a estes estados se succedem certos movimentos. Assim, a só ideia de uma cousa ridicula faz-nos contrahir, mau grado nosso, e até apesar de esforços contrarios os musculos da face e da respiração.

Ora uma associação do mesmo genero tem lugar no caso da simples ideia do movimento, e manifesta-se ainda melhor, quando o desejo de produzir o movimento se junta a esta ideia, ou quando esta ideia exalta a imaginação.

O sabio physico Chevreul tem insistido com razão sobre este phenomeno physiologico. «Se suppozermos, diz elle, que algumas pessoas põem as mãos sobre uma mesa, segundo o meu modo de ver, ellas representam-se a mesa girando da direita para esquerda, ou da esquerda para a direita, porque ellas collocaram-se ali para serem testemunhas do movimento. Desde então, sem o quererem, obram para imprimir á mesa o movimento, que ellas se represen-

tam. Se não obram no mesmo sentido pôde deixar de haver movimento, e é o que eu tenho observado. Cinco pessoas faziam a cadeia em volta de um pequeno velador, uma d'ellas desjava vivamente que girasse, e apesar d'isso ficou immovel durante uma hora. Tornaram a formar a cadeia passada meia hora, e tres quartos ainda decorreram sem que se puzesse em movimento.

Se as quatro pessoas, que concorriam para a experiencia, não estavam animadas de um desejo igual ao da primeira de ver girar o velador, nenhuma d'ellas seguramente era animada de um desejo contrario. Quando as pessoas desejam que a mesa gire, o movimento deve ser mais frequente do que o repouso pela razão de que basta que uma d'ellas note um certo movimento n'uma outra, para que ella mesma siga esse movimento por uma imitação, de que se não dá conta, mas que nem por isso é menos real, conforme a tendencia do movimento, determinada em nós pela visão d'um corpo que se move».

Acrescentemos que, quando a mesa começa a *trepidar* ou a deslocar-se, é quasi impossivel, se deixassem as mãos sobre o movel para seguir seu deslocamento, que se lhe não imprima uma impulsão mais ou menos forte, e são estas impulsões augmentadas a cada instante, que determinam a sua acceleração da rotação, que se nota em tal caso.

Os experimentadores fazem marchar a meza, crendo que sómente a seguem. Em resumo, o phenomeno das mesas giratorias, no que tem de real, explica-se sufficientemente pelas leis da mechanica e da physiologia, porque nós não discutiremos as narrações de mesas rodante, corrente e saltante, etc. sem que haja cordões visiveis: isto não se tem visto senão entre os imitadores de Roberto Houdin.

A theoria espirita não pôde refutar-se directamente. Com ella não se pôde mesmo empregar o modo de refutação chamado *de redução ao absurdo*, porque ella parte do absurdo. Quando um homem me affirme: eu vejo deante de mim o espirito d'esta ou d'aquella pessoa; mas vós não podeis vê-lo, porque sois incredulo; ou ainda: vós vêdes-me escrever como vós mesmo o poderis fazer, mas não é a minha vontade que dirige a mão, é o espirito; ou tambem: parece-vos que eu fallo, é um erro, o espirito só é que falla em mim e se serve dos meus órgãos vocaes para se fazer entender; que se póde responder a taes asserções?

De duas uma: ou o pretendido medium está de boa fé, e crê realmente estar em communicação com os seus sobrenaturaes, ou tenta zombar de mim ou illudir-me.

No primeiro caso direi que é um allucinado, cujo estado mental deve inspirar compaixão — é um doente do systema nervoso, cujo caso já pertence aos dominios da medicina; no segundo, desviar-me-hei d'elle, como d'um ignobil impostor. Os mediums de boa fé são pouco communs: tal era no entanto esse infeliz V. Hamequin, que pretendia escrever debaixo da ditação da *alma da terra*. Sua morte em uma casa de doidos tem provado bem a sua boa fé e a natureza das suas inspirações. Quanto aos simples crentes, que aceitam como palavras do Evangelho as asserções de allucinados, ou as mystificações e os *touris de passe passe* dos mediums charlatães, nada podemos dizer, senão que a sua instrucção scientifica, philosophica e religiosa deixa muito a desejar.

Os nossos mediums quanto ao mais não querem ser nada menos do que reveladores. Todos com effeito pretendem instruir-nos das cousas do outro mundo, e se apresentam sem cerimonia professores de theologia dogmatica, fallam-nos do estado das almas, de Deus, e dos mysterios da religião, etc.

Infelizmente, como já dissemos, os espiritos não estão

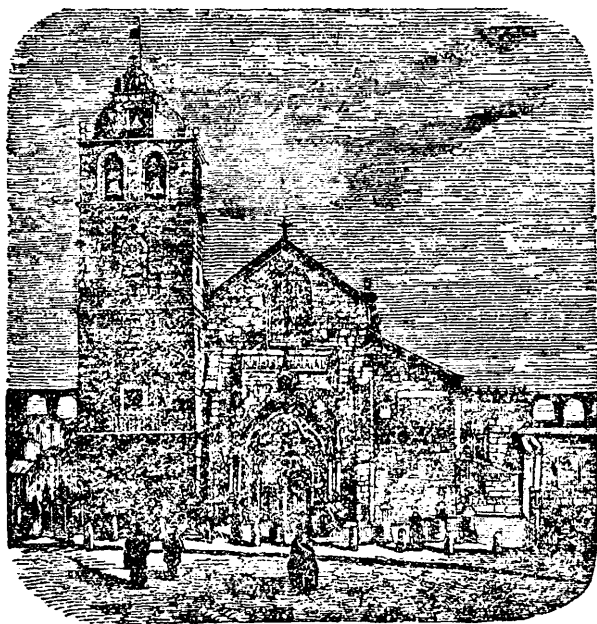
de accordo entre si, e póde dizer-se d'elles, como dos simples philosophos: *tot capita tot sensus*. Em quanto que alguns em pequeno numero, se proclamam catholicos, outros são hereticos e de todos os matizes; porém a maior parte são philosophos, mysticos, naturalistas, pantheistas, etc., e até politicos e socialistas de todas as escolas. Como conceber no entretanto eguaes divergencias, quando todos esses espiritos pretendem egualmente ir beber á fonte da verdade? Não vemos n'isto senão uma explicação possível; é admittir que são os mediums, que inspiram os espiritos, em lugar de suppôr que são os espiritos que inspiram os mediums. Tal é tambem a conclusão de L. Figuier na sua *Historia do Maravilhoso*.

«O que prova, diz elle, que os nossos pretendidos oráculos modernos haurem tudo em si proprios, e não recebem nenhum soccorro sobrenatural, e que os espiritos, interrogados pelo medium, sabem justamente nem mais nem menos do que o medium.

Exigi vós d'um espirito que vos responda a uma pergunta em inglez, o espirito responderá perfeitamente n'essa lingua se o medium a conhecer; mas, se lhe é extranha, o espirito calar-se-ha, e responderá pela forma consagrada: *não ha prova*, o que significa que o espirito não quer responder. Se, ao contrario, o nosso medium sabe inglez, o espirito mostrar-se-ha familiar com o idioma britannico com grande espanto dos assistentes. Muitas vezes nos rimos da ingenuidade de pessoas, que pediam aos mediums conhecimentos sobre particularidades, que ninguem póde saber, por exemplo, sobre o curso da bolsa no dia seguinte, sobre a sede da alma, ou sobre o dogma da transubstanciação. Estes simplorios ignoravam que o espirito não sabe senão o que o proprio medium sabe».

Acrescentemos que, se o medium entretém o seu auditorio fallando de cousas que não é dado ao homem conhecer, é que apresenta atrevidamente seus sonhos como soluções, e em todo o caso estes sonhos estão n'uma relação directa com a esphera dos seus proprios sentimentos, ou dos seus ouvintes.

MONUMENTOS NACIONAES



Matriz de Villa de Conde

CONTROVERSIAS

Jesuitas e Liberaes

(Continuado de pag. 152)

XV

Serviços e desinteresses

Quando se falla nos grandes serviços, prestados pelos Jesuitas, não falta quem affirme, que taes serviços são prestados unicamente com os fins lucrativos ou com fins politicos ou de uma proverbial hypocrisia.

Se os Jesuitas pregam nas terras das suas naturalidades ou das suas residencias, logo se diz, que tratam de arranjar dinheiro, tirando esmolas sob futeis pretextos ou fundando confrarias, para terem ganancias.

Se vão missionar para as inhospitas paragens africanas ou para as selvaticas regiões da America e da Oceania, logo se diz, que elles tratam de por lá enriquecerem e querem por lá fundar estados seus e obter grande numero de hectares de terrenos, em que possam defender-se dos governos, que procurem justamente disputar-lhes a posse d'esses terrenos.

Se assistem aos moribundos e os confortam nas horas extremas, já se diz, que os Jesuitas prestam taes serviços, para ficarem herdeiros d'esses moribundos e não faltará quem diga que os Jesuitas, para os seus negregados fins, acabariam mais depressa com os enfermos. E affirma-se tudo isso, muito embora os moribundos nada tenham, que legar, ou estejam tão sobrecarregados de familia, que esta ficaria pobre, por muito que herdasse dos seus chefes ou dos seus progenitores.

Se leccionam, logo se diz, que os Jesuitas abrem escolas, para arranjar dinheiro dos paes dos alumnos; que desejam estragar os espiritos d'estes, incutindo-lhes ideias immoraes e contrarias á liberdade, só, para d'ahi a pouco os mesmos alumnos ficarem a pertencer á seita jesuitica.

Se alguns se promptificam a irem curar os enfermos ou a tratarem dos feridos n'uma guerra, logo se diz, que os Jesuitas vão com a mira no interesse e não por espirito de caridade, ou que vão, ao menos, para adquirirem nome e sympathias e fazerem esquecer os seus actos, sempre dignos de censura.

Se publicam quaesquer livros, já se diz, que os Jesuitas o fazem unicamente, para ganharem dinheiro e para fanatisarem os ingenuos com as leituras de taes obras.

Estas e quejandas phrases proclamam os liberaes, ou antes os que se dizem liberaes e que, por isso, entendem que tem obrigação de serem contrarios aos jesuitas.

Falla-se, porém, dos liberaes. Não ha virtudes, que elles não tenham e não sejam capazes de praticarem.

Segundo os seus argumentos, alguns liberaes estão pobres, porque fazem ou tem feito muitas esmolas. — Alguns estão ricos, porque tem trabalhado com toda a pericia e desembaraço e não são uns mandriões, como os jesuitas. — Subiram postos na vida militar ou nos empregos civis, porque pelejaram pela liberdade e tem prestado serviços á patria — A liberdade é o seu ideal politico e jámais a defenderam por interesse proprio. — A humanidade enferma tem encontrado em cada um d'elles um dedicado e um desinteressado protector. —

Emfim, não ha virtudes, que não tenham os liberaes, assim como não ha vicios, de que os Jesuitas não sejam capazes.

Agora seja nos permitido o fazermos a tal respeito algumas reflexões.

Os liberaes allegam em seu favor os serviços presta-

dos á causa da liberdade. Ora, se esses serviços foram prestados unicamente por um ideal politico e por um beneficio á patria e sem que para isso houvesse a minima ideia de interesse, o que deveriam fazer esses patriotas, esses heroes, esses grandes humanitarios?

Finda a lucta entre os partidarios de um e outro regimen, deveriam os liberaes ter ficado, como estavam antes de haver principiado essa lucta.

Assim os militares deveriam ter ficado unicamente nos mesmos postos; os funcionarios, com os mesmos empregos; os proprietarios, com os seus haveres; os artistas, com os seus officios e os industriaes, com as suas industrias.

Mas aconteceu assim?

Não, por certo. Raros foram, tem sido e hão-de ser os liberaes, que, allegando serviços á liberdade, não tratam de subir e de melhorar de posição; que não tenham accetado honras, titulos, commendas, cartas de conselho e distincções; que não se queixem, quando os governos os não favorecem; e que, a titulo de indemnizações, não tenham tratado de enriquecer á custa dos cofres publicos, á custa do que pertencera aos conventos supprimidos, e, finalmente, á custa dos seus adversarios.

Compare-se o procedimento d'elles com o procedimento dos jesuitas e veja-se quaes são os mais desinteressados e quaes trabalham mais por interesse ou pelo seu ideal.

E esses individuos, que publicam livros contra os jesuitas e que, contra estes publicam jornaes, deveriam distribuir todas essas obras gratuitamente e não aproveitarem-se das occasiões, para explorarem o povo e á custa dos muitos *dez réis* encherem as bolsas de centos e até de contos de réis, como succedeu no tempo da questão Calmon, e, ainda ha pouco, quando se tratou de festejar em algumas localidades a Immaculada Conceição da Virgem.

E muito admira o descaramento, com que alguns liberaes faltam á verdade, e ainda mais a boa-fé, com que certos ingenuos recebem o pechisbeque d'estes falsos patriotas, como se fôra ouro de lei.

(Continua).

UM CATHOLICO.

LITTERATURA

O sino da torre de Imst

(Tradichção tyroleza)

I

Quão alegre tocava o sino da egreja parochial de Imst! Parecia que o genio da musica, tomando parte activa no clangor da lingua metalica, havia realisado um prodigio, a cuja influencia fendiam os ares, com singular harmonia, placidas notas differentes das que commummente deixa ouvir o bronze.

Chamava a minha attenção aquelle tanger que de tal sorte se identificava com a natureza da paisagem tyroleza, saturando a alma de bem estar como compensação das amarguras, e não podia explicar-me o fundamento dos seus doces accordes.

Dir-se-hia que o artifice levou a cabo a sua obra com o proposito de regozijar os habitantes da aldeia, e por certo o conseguia muito satisfactoriamente.

Porém tudo tem a sua razão, e o sino de Imst, em vez de subtrahir-se á lei geral, vêm ainda confirmal-a.

E' aqui a tradição que a justifica.

II

O cavalleiro Arolph de Rofensteiner possuia immensas

riquezas em ouro e prata, que occultava cuidadosamente no torreão do seu castello. Um dos seus maiores prazeres consistia em descer todos os dias ao fundo do recatado esconderijo e gozar alli, a só com o seu thesouro, essas voluptuosas emoções que unicamente pôde conceber o avaro; porque o supradito nobre era-o em grau superlativo, e de tal sorte que, quando se entregava á sua tarefa favorita, levava consigo a chave do subterraneo da torre, e nenhum dos seus servos tinha a permissão de se approximar sequer d'aquelle sitio mysterioso.

A posteridade não nos ha transmittido o retrato do cavalleiro Arolph, porém figura-o eu com os traços caracteristicos que a avareza imprime no rosto dos seus miseraveis sectarios: olhitos diminutos, vivos e traidores; labios delgados como a pelle da cebolla e pallidos como a cera; fronte deprimida, sorriso glacial e barba quasi esteril, de pellos asperos e ralos.

De repente um acontecimento inesperado veio perturbar o culto de Rofensteiner. Os povos de Appencell, feroz cantão da Suissa, appareceram nas terras de Arolph, lançando o terrivel grito da guerra, e em presença do perigo, viu-se compellido o avaro a reunir os seus homens para aggregar-se aos bandos dos cavalleiros, apercebidos para repellar a aggressão.

Uma ideia atormentava-o: que seria do seu thesouro? «Leval-o-hei commigo, dizia em intimo soliloquio. Porém não me atrevo. Os azares da lucta podiam fazer com que fôsse parar ás mãos dos inimigos. Deixal-o-hei entregue ao cuidado de minha esposa Walpurga? Porém ella pôde cahir na tentação de roubar-m'o e isto seria espantoso.

O escravo de suas riquezas teve enfim um pensamento que resolvia á maravilha a difficuldade. Fundiu o ouro e a prata, encerrou-os nas velhas balas ôcas do seu castello, e, soldadas estas, arrojou-as como cousa inutil para os fossos da fortaleza, depois do que partiu para a guerra.

III

A campanha apresentou-se desfavoravel para a nobreza. Imst foi derrotado, disperso o exercito dos nobres e Arolph feito prisioneiro.

Desde então ninguém mais souba noticias do avaro, e sua desolada esposa, julgando-o perdido para sempre, resolveu deixar os seus dois filhos sob a guarda dos seus fieis servos, e entrar para um convento.

—Que me importa o mundo, pensava a infeliz esposa, se me falta a presença do companheiro da minha vida!

—Mãe, replicava por sua vez o mais novo dos filhos, não nos abandones.

—O meu pensamento é só para vós e vosso pae. Ficaes n'este castello, sêde briosos cavalleiros, mas não intenteis modificar a minha resolução.

E, com effeito, Walpurga abandonou a senhorial residencia e occultou no retiro do claustro as suas lagrimas e a sua amargura; porém antes de sahir do castello succedeu que os habitantes de Imst, desejosos de dotar a egreja da povoação com um sino grande e formoso, fizeram um peditório entre si, e, chegados á morada de Walpurga, esta julgou mui opportuno para o fim que propunham offerecer-lhes as balas que havia no fosso.

O donativo foi acceto com regosijo, porque o metal servia perfeitamente para o caso; e no momento de se fundir o sino, o thescuro de Rofensteiner passou a formar parte d'elle.

Por certo que foi bem empregado! Nunca pensaram os aldeãos que este sino tivesse tão bom timbre. E tinha-o admiravel, justificando a minha surpresa, quando o escutei com verdadeiro deleite.

Mas, ai! maior todavia foi o assombro de Arolph, logo que decorridos muitos annos logrou tornar ao seu castello,

—E minha esposa? E meus filhos? perguntou afanoso ao pisar os humbraes da sua antiga morada.

—Vossa esposa, contestou um escudeiro, não pertence ao mundo.

—Como? Que dizes, gritou o cavalleiro Rofensteiner. Morreu?!

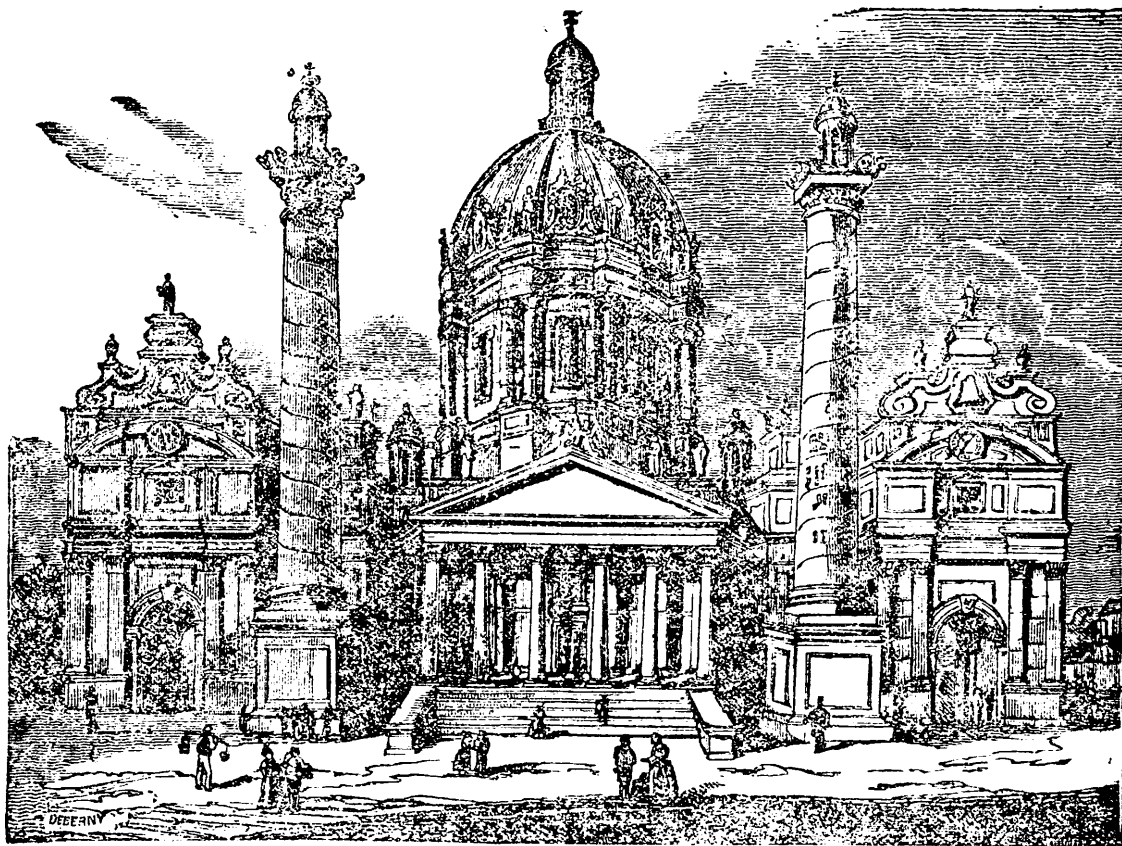
—Não, mas...

—Falla, falla!

que era o culto unico da minha vida, transformou-se em sino, que me recorda a pequenez dos bens materiaes. Minha esposa obrou cordatamente. Bemdito sino, cujos accentos me apartam da escravidão do ouro, e me permitem elevar a alma a Deus e pedir-lhe misericordia!

Por infelicidade, poucos avaros se convertem e discorrem como o cavalleiro Arolph de Rof-nsteiner.

(Trad.)



Egreja de S. Carlos Borromeu, em Vienna

—Creu-vos perdido para sempre, e buscou em um convento refugio pacifico para a sua dôr.

—Deus clemente! E meus filhos?

—Vivem aqui.

O recém-chegado subiu apressadamente as escadarias e estreitou contra o coração a seus filhos, que não esperavam o regresso de seu pae.

N'aquelle solemne momento, o sino da igreja paroquial fez-se ouvir no seu admiravel tanger.

—Que ouço? exclamou Arolph. Aquelle sino...

—Desconheceis aquelle soido? proseguiu um dos filhos do cavalleiro.

—Sem duvida. O que havia faz muitos annos não fallava á alma; porém este parece que canta e chora, ri e suspira...

—Pois vós tendes participação n'elle ..

—Não comprehendo, meu filho.

—A nossa querida mãe cedeu para a fabricação do actual sino as velhas balas do fosso.

—As balas velhas?!

—Exactamente.

Arolph guardou silencio e pensou d'este modo:

«Vejo no succedido a intervenção divina. O thesouro,

AS NOSSAS GRAVURAS

D. Manuel Agostinho Barreto

Bispo do Funchal

Vamos traçar, posto que imperfeitamente, a biographia de um dos mais eminentes membros do Episcopado catholico, o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Bispo do Funchal.

O Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Manuel Agostinho Barreto nasceu no Coentral, bispado de Coimbra, em 7 de dezembro de 1835.

Depois de ter completado os seus estudos em instrucção primaria e secundaria com singular aproveitamento, matriculou-se na Universidade de Coimbra, seguindo o curso theologico, no qual foi estudante distinctissimo.

Após ter completado a sua formatura, recebeu as sagradas Ordens, distinguindo-se depois como orador sagrado muito festejado no Porto, em Coimbra e em outras cidades de Portugal.

Foi nomeado, em 14 de agosto de 1864, professor de sciencias ecclesiasticas, no Seminario de Lamego, e em 28 de agosto de 1866 conego da Sé d'aquella cidade. Em 1860, D. Antonio da Trindade, então prelado lamecense, no-

mecou-o Vigario Geral e Provisor do Bispado, encarregando-o varias vezes do Governo da Diocese, onde evidenciou dotes excepcionaes. Tambem fôrão importantes os serviços publicos que prestou então ali.

Em dezembro de 1874 vagou a diocese do Funchal, mas passados dois annos, a 8 de junho de 1876, fôr n'ella apresentado o nosso illustre biographado, nomeação que a Santa Sé confirmou a 28 de setembro do mesmo anno.

Foi recebida com extraordinario jubilo tal noticia, e ainda mais a de S. Ex.^a ter recebido a sagração episcopal na igreja do Convento da Estrella de Lisboa, em 4 de fevereiro de 1877.

No dia 20 do mesmo mez embarcava o novo Antistite, no paquete portuguez *Luso*, que seguia viagem para a Madeira, chegando alli no dia 22. Era já noite, quando o illustre Prelado desembarcou na praia do Funchal, onde se achava grande concurso de povo de todas as classes, sendo então cumprimentado a bordo pelas principaes auctoridades, dirigindo-se depois á Sé Cathedral, onde o esperava o corpo capitular e o clero.

No domingo seguinte á sua chegada á Madeira, 25 de fevereiro, o novo Prelado fez a sua entrada solemne na capital da diocese, attingindo este acto uma imponencia respeitosa.

Longo de começo mostrou o novo Antistite possuir notaveis qualidades para o pleno desempenho do alto cargo de que fôr investido. E, effectivamente, S. Ex.^a Rev.^{ma} é uma culminante figura no seio do episcopado portuguez. N'elle allia-se a indole bondosa e recta com a rigidez inabalavel de principios, a quem nada faz demover quando conscio de cumprir o seu dever.

No exercicio da sua missão evangelica, são innumerous os beneficios com que dotou a sua diocese, emprehendendo reformas salutaes para a sua consecução.

Na pratica da caridade são tambem abundantissimos os exemplos que nos ha dado, quer na fundação de escolas para a infancia, quer em subaidios, esmolos, e soccorros pecuniarios a sacerdotes necessitados. E' um infatigavel propagador das instituições catholicas, como a Associação Catholica, obra da santificação do Domingo, conferencia de S. Vicente de Paulo, que S. Ex.^a directamente auxilia.

Um exemplo notavel no venerando Prelado funchalense é que não raro sobe ao Pulpito para d'ahi expor as verdades incontestaveis do Evangelho.

De resto, para rematar estas nossas pobres linhas, diremos que S. Ex.^a Rev.^{ma} o Snr. D. Manoel Agostinho Barreto, gloria e lustre do Episcopado Portuguez, é estimadissimo pelos seus subditos, e respeitadissimo por todos pelas nobres virtudes que o exornam.

Egreja de S. Carlos Borromeu

em Vienna

A igreja de S. Carlos Borromeu, edificada n'um dos bairros de Vienna d'Austria, foi erecta por mandado de Carlos IV, como satisfação d'um voto que fizera, ao implorar do céu o desaparecimento da peste que dizimava a população do imperio, e enluctava as familias principaes da côrte.

E' uma edificação esplendida, e que demonstra assaz o braço imperial que a fizera executar. A cúpula immensa, que se eleva ao centro, é de uma magestade pouco vulgar, e todo o trabalho revela o aprimorado gosto que presidiu á sua confecção. Aos lados erguem-se dois obeliscos de gosto esbelto, que dão realce ao todo do edificio.

No interior é o templo rico em tudo, não desdizendo nada do que espera quem primeiro observa o exterior, e do conceito em que é tida esta igreja como a primeira da capital da Austria.

Matriz de Villa do Conde

A gravura fiel dá clara ideia do notavel templo, fundação d'el-rei D. Manoel e um dos melhores do seculo XVI. Frontispicio elegante, proporções bem guardadas, tres naves, unidas por duas arcarias de formoso grão, talha preciosa nos altares, côro amplo com boas cadeiras de espaldar, distinguem a veneravel matriz, uma das melhores do norte de Portugal.

Ultimamente, sendo considerada esta igreja como monumento nacional, affectuou-se n'ella uma completa restauração, cujos trabalhos se ultimaram este anno. Ficaram patentes todas as suas bellezas artisticas, que annos de barbarie haviam desfigurado. E' digna, pois, de ser visitada pelos forasteiros.

DE TUDO UM POUCO

Lenda de S. Christovão

Arprobo, natural da Syria, excedia a todos na força e estatura do corpo; mas, causado d'esta superioridade, entrou no serviço de um principe, que se julgava o mais poderoso do mundo.

Por algum tempo viveu feliz; mas, vendo um dia que ao ouvir a palavra satanaz, seu amo se benzeu, para se livrar do seu poder, despediu-se e foi offerecer os seus serviços a est'outro potentado, temido de vassallos e principes. Permaneceu ás suas ordens até que, passando uma vez com seu amo por um crucifixo, viu o demonio parar como possuido de terror, e finalmente retroceder. Perguntou-lhe Arprobo a razão d'isto, e satanaz disse-lhe: «A cruz é o signal do Rei Christo, e ante elle devo sempre fugir».

Deixou, pois, o seu novo amo, dizendo: «Não servirei senão o mais forte»; e foi procurar a Christo.

Por longo tempo o procurou em vão, até que um pobre eremita lhe disse: «Se queres servir a Christo, vae postar-te na margem d'esse rio, e conduze ao outro lado os que quizerem passar, por amor de Christo.» Arprobo fez isto por muitos annos sem nunca se queixar, sendo o seu unico desejo que Christo lhe apparecesse, quando um dia se lhe apresentou um menino de extrema belleza, pedindo-lhe n'uma voz de doçura admiravel que o passasse para o outro lado.

Arprobo, levando o menino aos hombros, encetou a sua costumada jornada; mas, chegando ao meio do rio, este se agitou de um modo nunca visto, e o peso que levava, ao principio tão leve, tornou-se de tal maneira insupportavel, que, cheio de terror, exclamou com voz entrecortada de suspiros: «Menino, quem és? Pego-te me digas quem és!» O menino respondeu: «Sou o Senhor Jesus Christo, Rei do céu e da terra, a quem fi-lmente serves, e de hoje em diante te chamarão Christovão, pois que levaste a Christo».

Calendario:

Novembro	A 15 de novembro de 1741 nasceu em Zurich o famoso auctor dos <i>Estudos Physiognomicos</i> , Lavater.
----------	--

15	Era protestante e seguiu a carreira ecclesiastica, dedicando-se aos estudos philosophicos. Na Allemanha, para onde teve que emigrar, estudou muito, lendo todos os auctores desde Klopstock a Rousseau. Em Berlim publicou os <i>Canticos Helveticos</i> , que se tornaram populares pelo seu cunho accentuadamente patriotico.
1904	

Em 1764, regressou a Zurich, sendo nomeado pastor

da igreja de S. Pedro. Ali trabalhou muito, escrevendo grande quantidade de livros, principalmente theologicos.

A sciencia physionomica, que elle descobriu e lançou as bases, occupou-o inteiramente. Armado d'uma paciencia incomparavel, desenhou, estudou, comparou e reuniu numerosas observações até que um dia, em casa do medico Zimmerman, fez uma exposição pratica do seu novo systema de conhecer o homem pela physionomia.

Os seus escriptos fôrão logo publicados e traduzidos em todas as linguas cultas; a sciencia ficava com mais um ramo, e Lavater immortalisava-se. Mas a revolução helvetica veio desviar-o dos es udes, e um dia um adversario fere-o nas costas, morrendo o illustre sabio em 1801 das consequencias d'esse ferimento.

Curiosidades:

Para que as terras não viessem nunca a ser propriedade exclusiva de familias opulentas, ordenara o legislador israelita que fossem inalienaveis; o dono d'ellas podia hypothecal-as por algum tempo, mas no termo aprazado deviam achar-se de novo livres e desembaraçadas; de 50 em 50 annos restituia, porém, o jubileu todos os antigos direitos á familia d'aquelle que não havia podido satisfazer a quantia tomada de emprestimo sobre uma propriedade; era, pois, o jubileu uma epocha de immuniidade.

Foi, tomando por modello uma tal instituição, que a Igreja Catholica instituiu o jubileu a favor dos que visitam as sepulturas dos Apostolos, ou fazem certas obras meritorias. Foi Bonifacio VIII que o estabeleceu pelo modo por que ainda hoje se acha. O numero de annos requerido para grande jubileu tem variado por mais do que uma vez. O Papa Paulo II fixou-o em 25 annos, e essa redução é a que ficou subsistindo. Além d'estes jubileus regulares, os Papas concedem um quando sobem ao solio pontificio, ou em circumstancias excepcionaes.

Notas de sciencia:

Um professor italiano inventou um aparelho destinado a ver através os corpos opacos, isto é, para supprimir o intermediario da photographia no invento de Roentgen.

E consiste n'um tubezinho de cartão ennegrecido, tendo n'um dos extremos com um disco de papelão, negro tambem, mas onde ha uma substancia florescente, como o sulfureto de calcio, o platino-cyanureto de borio, etc. No outro extremo vê-se uma lente de crystal, cujo foco coincide com a chapa florescente. E nada mais.

Para operar colloca-se um objecto de ferro ou de cobre, d'esses que não deixam passar os raios X, dentro d'uma caixa bem fechada. E expõe-se áquelles raios. O observador installa-se por detraz, e olha com a lente pelo lado do crystal. Immediatamente no fundo illuminado se desenha o objecto encerrado dentro da caixa. Porquê? Porque os raios X, depois de atravessarem esta, operaram sobre a materia phosphorescente do crytoscopo e illuminaram-no; mas, como não atravessaram o objecto que estava na caixa, este produz a sombra sobre a parte luminosa e destaca-se n'ella.

Pensamentos:

Os reis podem dar titulos, rendas, estados; mas animo, valor, fortaleza, constancia, desprezo da vida, e as outras virtudes de que se compõe a verdadeira honra, não podem. Se Deus vos fez estas mercês, fazei pouco caso das outras, que nenhuma vale o que custa... Se não beijastes a mão real pelas mercês que vos não fez, beijae a mão da vossa espada, que vos fez digno d'ellas. — *Vieira*.

Que importa ter a vida alegre quem ha de ter a morte

triste? Para que quero eu cubigar o alheio e desvelar-me por adquirir muito, se hei de morrer e deixar tudo? Porque não soffrerei os trabalhos que a mão de Deus me envia, se hei de morrer e descansar por uma vez, e póle ser hoje? — Padre *M. Bernardes*.

Nosso Senhor muitas vezes permite que no principio succeda tudo o que pretendieis e desejaveis, e quando ides mais *vent'á-popa*, se sossobra o batel e vos succedem tantos desgostos e tanto ao revés do que pretendieis! para que entendaes quam mentiroso e enganoso é tudo o que se pretende dos homens e por meios humanos. — Dr. *Diogo de Paiva de Andrade*.

Entendamos que os trabalhos da vida temporal são para os varões fortes e bons christãos uma escola de experiencia, um campo de soffrimento e uma contenda de gloria. — D. Frei *Amador Arraes*.

Ser forte obriga a ser bom. E correlativamente a bondade é uma grande força: supporta e abençoa tudo. Porque a Mãe de Deus era a bondade illimitada, teve a suprema força na dôr infinita. Viveu, viveu muito, só para soffrer muito. — Padre *A. de G.* (Bispo de Bethsaida).

Versos escolhidos:

N'um velho claustro

Na glacial frieza do abandono
Estão estas arcadas de granito,
Severas como a fronte do proscripto,
Despidas como as arvores do outono.

Parece que bocejam com o somno,
Obliteradas como um velho mytho,
Ou gemem pondo os olhos no infinito,
Como um rafeiro que ficou sem dono.

A civilisação, quando subia
A encosta d'este seculo, só via
Aqui o erro, o fanatismo, o damno.

Mas oxalá que um dia não conheça
D'um horisonto novo, que appareça,
Que a perspectiva não passou d'engano.

Alberto Cruz.

Humorismos:

Um livre pensador observou que um pobre homem, bom christão, estava a enterrar no meio d'um campo um jumento que lhe havia morrido.

— Como é que tu, lhe disse zombeteiramente, que és tão amigo dos padres, enterras assim um morto sem levar-o á igreja nem mandar tocar os sinos?

— Enterro-o civilmente, respondeu; como não tinha religião...

RETROSPECTO DA QUINZENA

O advento (em latim *adventus* — vinda) composto de quatro semanas, representa os quatro milhares de annos, que precederam Jesus Christo, e exprime as tres vindas do Redemptor: ao mundo pelo nascimento, aos corações pela graça, e no fim dos tempos pelo juizo final.

E' um tempo de penitencia e expectação. Por isso, não se diz na missa a *Gloria in excelsis*, que é um hymno de jubilo, e usam-se paramentos roxos, côr que symbolisa a humildade e a penitencia.

A Igreja nas suas preces clama pela realisação da



Santos Dumont

divinas promessas: *Rorate celi desuper et nubes pluant justum:*

Céus, derramae vosso orvalho,
Gere a terra o Salvador.

Em França rebentou um escândalo enorme no proprio seio do seu parlamento. Foi o caso a energica accusação ao ministro da guerra André por intrometer a maçonaria nas promoções do exercito francez.

Achava-se organizado, sob a dependencia do ministerio da guerra, um corpo de espionagem e delação. Os officiaes catholicos francezes, que felizmente são na sua maioria, que iam á missa, etc, eram incluídos na lista *Carthago*, e os maçons reconhecidos na lista *Corintho*. Nas promoções serviam-se apenas d'esta ultima.

A proposito d'isto houve violentos tumultos na camara dos deputados, scenas de pugilato, epithetos affrontosissimos, duellos, prisões, o demonio enfim. Mas o energumeno Combes, resolvido como está, a levar ao fim a todo o transe a sua obra, conservou o seu fiel sequaz. O general André não pediu a sua demissão. Não admira...

Projecta-se para o proximo maio uma peregrinação portugueza, á cidade dos Papas, a Roma.

Sabemos que será muito concorrida, o que do coração desejamos, para que se não desmintam o amor dos portuguezes a S. Santidade, e o seu acatamento aos evangelicos ensinamentos.

Damos hoje o retrato do notavel aeronauta brasileiro Santos Dumont, que tanto se tem salientado na resolução do problema da direcção dos balões.

Santos Dumont merece a nossa homenagem, porque é um catholico convicto, que não se envergonha de demonstrar publicamente as suas crenças, declarando mesmo que a uma protecção superior deve o exito brilhante das suas descobertas, onde outros têm achado uma morte tragica. Uma medalha de S. Bento é o seu palladio protector.

As ultimas noticias a seu respeito são o seu casamento, a sua entrada na Legião de Honra, com que o agraciou o presidente da republica franceza, e as suas declarações terminantes acerca da proxima conquista do ar pela completa resolução da navegação aerea pelos balões dirigiveis.

Saudamos por este meio o grande inventor da nação irmã, o Brazil.

Foi importantissimo, attingiu a maior magnificencia o Congresso Mariano, realizado nos dias 11, 12 e 13 do corrente sob a presidencia do nosso venerando Prelado, n'esta cidade do Porto.

A magnitude do facto não permite que se lhe dedique sómente as poucas ensanchas, que o tempo nos deixa agora para conclusão d'este numero. Por isso reservamos-lhe o proximo, que, consagrando-o ao Congresso, dará d'elle larguissimo relato.

Uma noticia politica da ultima quinzena merece a sua inserção n'este retrospecto; mas já agora tem ella um defeito muito grande: é o de ser demasiadamente conhecida de todos, tal é o afan com que se buscam noticias d'estas pelos apaniguados e adversarios e a curiosidade que despertam em geral.

Referimo-nos á queda do gabinete regenerador, da presidencia do sr. Hintze Ribeiro. São bem conhecidos os aggravos que nós, os catholicos, recebemos durante a sua gerencia, por isso não vale a pena relembrar-os aqui.

O que é certo é que não captou as nossas sympathias; bem antes pelo contrario seguiu-o sempre constante anathema, merecido pelas nossas liberdades violadas.

O novo gabinete progressista acha-se assim constituido: Presidencia, sem pasta: José Luciano de Castro; Reino: Antonio Augusto Pereira de Miranda; Fazenda: Mancel Affonso d'Espregueira; Estrangeiros: Eduardo Villaça; Justiça: José Maria d'Alpoim; Obras publicas: Eduardo José Coelho; Guerra: Sebastião Telles; Marinha: Mancel Moreira Junior.

Este ultimo, lente distincto da Escola Medica de Lisboa, e o snr. conselheiro Pereira de Miranda, são ministros pela primeira vez.

A proposito, devemos desde já archivar as declarações peremptorias do actual titular da pasta da justiça, conselheiro Alpoim, em resposta ao discurso pronunciado ultimamente na camara dos pares pelo nobre Bispo de Coimbra acerca do clero parochial, em que o illustre estadista prometeu velar pela classe e zelar os interesses da Igreja, resalvando os do Estado. A anterior passagem do actual ministro da justiça pelos conselhos da coroa foi notavel, pelo que serve-nos isso de garantia para a sua boa gerencia futura.

O nosso numero anterior fôra benevolmente acolhido pelos nossos illustres collegas e presados assignantes. O assumpto que f-stejava — as bodas de ouro do nosso venerando e estimado Prelado, o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio Barroso — a sua distinctissima collaboração de primaciaes figuras da imprensa catholica em Portugal, e a sua impeccavel e superior confecção artistica fôra muito admirada e apreciada.

Devemos consignar aqui, notificando-o aos nossos presados leitores e assignantes, que S. Rev.^{ma} dignou-se abençoar de novo a redacção, administração e assignantes d'esta nossa Revista, graça que nós nos esforcaremos por tornar merecedores, batalhando, mais e mais, em prol da causa catholica.

Uma noticia politica de importancia maxima é a recente visita dos soberanos portuguezes a Inglaterra.

Não queremos entrar em detalhes sobre as vantagens que nos dá a secular alliança anglo-lusa; no entanto frisaremos que raras vezes se fazem viagens regias com o fim de tratar se altos negocios de estado como agora n'esta.

Parece, pois, que os dois soberanos, portuguez e inglez, vão tratar, além de certas questões africanas, do casamento do príncipe herdeiro com uma princeza ingleza. Esta união é vantajosissima para a casa reinante portugueza, porque a sua alliança consanguinea com a coroa ingleza, visto o preponderantissimo papel que esta representa na politica internacional, dá-nos immensa força para resistirmos á cubiga insaciavel das grandes potencias.

Oxalá, pois, sejam tratadas brilhantemente estas magnas questões com o maior lustre para o velho e heroico Portugal.

BIBLIOGRAPHIA

Almanach de Santo Antonio — 7.^o anno, 1905 — Redacção da «Voz de Santo Antonio» — Braga. Eil-a, cá está a nossa costumada visita annual. Bemvinda seja ella. E d'esta feita, com que bizarria, com que atavies se nos não apresenta! Effectivamente, este bello almanach, o mais bem feito que se publica n'esta nossa terra portugueza, progride cada vez mais, avança para a frente n'um crescendo de perfeições. E isto dizemello do coração, sem sombra de favor: o *Almanach da Voz de Santo Antonio* é o primeiro no genero que sahe a lume em Portugal, e merece por isso, torna-se mesmo imperiosa a sua entrada no seio de todas as familias que se prezam de verdadeiramente catholicas. Repetimos, isto é o que se pensa, isto é o que se palpa, isto é o que se vê. Não tememos que nos apode de exaggerados quem o comprar e apreciar. De mais, pelas suas doutrinas salutaras, genuinas, merece uma larguissima diffusão para o contrapor á invasão de letéria dos seus congenereos demolidores. Aqui fica, pois, a nossa humilde opinião, ao mesmo tempo que recomendamos encarecidamente aos nossos estimaveis leitores a sua aquisição, que, feita uma vez, jámais deixa de se fazer anno a anno. Experiment m, pois, os que ainda não são seus leitores assiduos. A' benemerita empresa do nosso estimadissimo collega *Voz de Santo Antonio*, as nossas cordealissimas felicitações pelo brilhantismo da confecção do nosso querido almanach, e o agradecimento sincero pela amavel oferta. Cada exemplar custa apenas 250 reis.

«*Horas de Piedade ou Orações Selectas*». — Typographia Catholica de José Fructuoso da Fonseca — Porto. Nunca é de mais o recomendar-se obras de sã e pura doutrina, já que á imprensa catholica impende essa grata

mas ardua tarefa. Está mais que nenhuma n'estes casos o valiosissimo devocionario *Horas de Piedade*. O seu piedoso e inspirado auctor pretendeu fazer o mais completo devocionario que existe na nossa lingua, e conseguiu-o perfeitamente. Provam-no a extrema benevolencia com que se dignou acolhel-o e recommendal-o quasi todo o venerando Episcopado portuguez, e as enormes tiragens que tem sahido do prelo em diferentes edições. O sublimissimo livro *A Imitação de Christo*, a mais bella obra sahida das mãos do homem, faz parte imprescindivel da bibliotheca do piedoso christão, pois nós ousamos, respeitando a culminancia onde se alteia tão extraordinario livro, recommendar as *Horas de Piedade* como seu accessorio utilissimo. E' este o nosso humilde entender. O seu preço é de 250 réis, e acha-se á venda na Typographia Catholica de José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74 — Porto.

Sermão de Nossa Senhora da Conceição, pelo dr. José dos Santos Monteiro — Porto — Typographia Catholica de José Fructuoso da Fonseca. Dos prelos da Typographia Catholica acaba de sahir á luz da publicidade esta primorosa peça oratoria do notavel orador sagrado dr. Santos Monteiro, prior de Villa do Conde.

Dizendo-se o nome do seu saudoso auctor está feito o maior elegio da obra, pois que elle, como é sabido, foi um dos mais brilhantes ornamentos da tribuna sagrada em Portugal. Aos colleccionadores e acquisidores de obras oratorias recommendamos este primacial trabalho, conselhos de que fazemos um optimo serviço. Custa apenas 200 réis e vende-se na Rua da Picaria, 74 — Porto.

Novo resumo da Historia Sagrada. — Terceira edição mais correcta e augmentada, por Manoel de Souza Barbosa. Devido á amabilidade do seu auctor, recebemos este primoroso livrinho, que muito agradecemos. Examinamos o attentamente e podemos admirar a sua bella confecção, pelo que merece o seu illustrado auctor calorosos elogios. D'uma exposição clara e concisa, este resumo é d'uma grande alcance para a instrucção da infancia e mesmo da juventude, motivo pelo que o seu auctor prestou um relevante serviço á causa catholica. O Episcopado portuguez na sua grande parte approvou este bello trabalho. Não podemos por isso deixar de recomendar tão bello livrinho.

A lingua catholica — Echos d'uma polemica, por Diogenes. Recebemos este opusculo, continuação d'uma polemica travada no nosso estimavel collega *A Palavra*, acerca da questão Latim-Esperanto. Agradecemos reconhecidissimos.

O Evangelho — Collecção das homilias de todos os domingos do anno. Com a approvação do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Bispo do Porto. Recebemos o 1.^o anno brochado, relativo aos annos 1902-1903, custando apenas 200 réis.

O *Evangelho* consta de cincuenta e dois numeros de quatro paginas, nitidamente impressos em b m papel, contendo a versão authentica do *Evangelho* de todos os domingos do anno, seguida de reflexões sobre dogma, moral e culto, tendentes a instruir os fieis, a despertar n'elles o amor á lição do sagrado texto e a premuni-los contra a propaganda má e heretica.

A redacção d'O *Evangelho* está a cargo de uma commissão de parochos e professores do Seminario, sob a direcção e protecção do Ex.^{mo} Snr. Conego Dr. Joaquim Luiz d'Assumpção.

A publicação d'O *Evangelho* segue o anno liturgico, começando no primeiro domingo do advento e terminando no ultimo do pentecostes.

O *Evangelho* tem a approvação, recommendação e benção do Ex.^{mo} Prelado do Porto.

O *Evangelho* destina-se sobretudo a ser distribuido em folhas soltas aos domingos por occasião das missas, e por isso recommenda-se particularmente aos Reverendissimos Parochos e Capellães, Centros do Apostolado, Associações e Circulos Catholicos, Associações da boa imprensa, e, em geral, a todas as pessoas zelosas da propaganda da boa doutrina religiosa.

A administração d'O *Evangelho* é na rua de Villar, 92 — Porto, onde se dão todos os esclarecimentos precisos para a sua diffusão.

Collecção «Sciencia e Religião» — V — Darwinismo, monismo, transformismo, por A. Huard, versão de Gomes dos Santos — Livraria Povoense Editora de José Pereira de Castro — Povo de Varzim. Este opusculo da notavel collecção *Sciencia e Religião* é um dos mais bem feitos dos já publicados. O seu sabio auctor expõe d'um modo brilhantissimo as theses darwinisticas e as dos seus continuadores, e refuta-as triumphantemente. Quem quizer vêr uma bella exposição d'estas doutrinas e a sua critica tem agora uma optima occasião de elucidar-se, pois que não conheciamos em portuguez livro ao alcance de todos que tratasse de tal assumpto. Demais, acrecece que por este modo todos os catholicos se instruem ácerca d'uma falsa sciencia que anda por ahi na bocca de toda a gente.

Recommendamos, pois, instantemente a leitura d'este bello trabalho.

EXPEDIENTE

Tendo nos sido devolvidos grande numero de saques da ultima cobrança de assignaturas que fizemos, tencionamos enviá-los de novamente para o correio no principio do proximo mez de dezembro. Esperamos do costumado cavalheirismo dos nossos presados assignantes, a prompta satisfação ao pagamento da assignatura.

ANNUNCIOS

NOVENA EM BENEFICIO

DAS

ALMAS DO PURGATORIO

COMPOSTA PELO

BISPO DE BELLEY

(Traducção livre)

Preço, broch. 100 reis.

Pedidos á typ. Catholica de J. F. da Fonseca—Rua da Picaria 74—PORTO.

IMITAÇÃO DE CHRISTO

Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada com notas por

MONSENHOR MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr.

D. ANTONO, BISPO DO PORTO

Preços:

Em percalina	300 reis
Em carneira com folhas douradas.	500 »
Em chagrin, douradas	12000 »

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105 — BRAGA

*Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887,
Industrial de Lisboa de 1888
e Universal de Paris de 1889*

Fabrica de damascos de sêda e ouro, lisos e lavrado; paramentos para igreja; galões e franjas d'ouro fino e falso; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portuguezas.

SERMÃO

DE

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Prégado na igreja de Santo Ildefonso, do Porto

A

8 de dezembro de 1871

PELO

DR. JOSÉ DOS SANTOS MONTEIRO

Abade de S. Miguel de Urrô, no Concelho de Arouca, Bacharel em Theologia e formado em Direito pela Universidade de Coimbra, antigo Professor do Seminario de Lamego e Prior de Villa do Conde

Com approvação do Ex.^{mo} Prelado

PREÇO, 200 REIS

Vende-se em casa do editor — José Fructuoso da Fonseca — Rua da Picaria, 71 — PORTO

CONDE DE SAMODAES

O MEZ DOS FINADOS

Meditações para todos os dias do mez de Novembro

Indulgenciada e approvada

Preço enc 400 reis.

Pedidos á typ. Catholica de J. F. da Fonseca—Rua da Picaria, 74—PORTO.